



vive **Latinus**

“...tudo na vida da cidade, na construção da cidade, nas interações entre os habitantes, é tudo cultural. A cultura permeia todas as nossas relações. Eu costumo dizer para os meus alunos que tudo que não é natureza, é cultura. Trovão é natureza, chamar o trovão de Tupã como os índios faziam, é cultura.”

Maria Elisa Cevasco,
Especialista brasileira, Cultura Material

BOAS-VINDAS

Consequência dos encontros e desencontros daqueles que nela nasceram e daqueles que nela desembarcaram, as metrópoles abrigam uma diversidade que não se encontra em qualquer lugar. As metrópoles são territórios complexos, intensos, dinâmicos e que despertam diferentes sentimentos em seus habitantes, também influenciados pelos momentos que cada um está passando em sua vida particular. Como já escreveu o crítico cultural galês Raymond Williams:

“Cada aspecto da vida pessoal é radicalmente afetado pela qualidade da vida em geral, e mesmo assim o mais importante da vida em geral é vista em termos completamente pessoais”

‘The Long Revolution’

Sabemos que não é possível dar conta de todas as imagens e histórias que habitam cidades tão grandes e não temos essa pretensão. Na construção deste projeto autoral, buscamos observar, por meio de pesquisa documental, fotos, entrevistas e relatos, como se dá a vida em quatro metrópoles da América Latina: São Paulo (BR), Cidade do México (MX), Santiago (CL) e Buenos Aires (ARG).

O “ViveLatinus” é um convite para passear pelas ruas, conhecer bairros e visitar casas. Um exercício de conexão e inspiração que poderá nos ajudar a compreender, enquanto latino-americanos, o quanto estas metrópoles nos mostram o que temos em comum e o que nos faz únicos. O que somos e o que queremos ser.

Cidades: o que são e o que representam

A partir de uma visão panorâmica das quatro metrópoles latinas que selecionamos para este estudo, São Paulo (BR), Cidade do México (MX), Santiago (CL) e Buenos Aires (ARG), conseguimos identificar uma variedade de elementos em comum: prédios altos, avenidas extensas lotadas de carros, pessoas transitando de um lado para outro e a presença da natureza enquanto paisagem urbana ou simulacro que Marcelo Tramontano, especialista brasileiro em lares, chama de “artefato produzido para entornos habitacionais”. Ao nos afastarmos de regiões centrais, conseguimos identificar que o número de casas aumenta, as ruas muitas vezes se estreitam e, em alguns lugares, as cores ressaltam do tecido urbano.

No texto “O que é cidade?”, Raquel Rolnik, arquiteta e urbanista, a define como algo que é *“fruto da imaginação e do trabalho articulado de muitos homens e mulheres”*. São *construções coletivas, diversas e que nunca param de mudar*.

Nossa observação de quatro metrópoles latinas nos mostrou que elas são lugares com muito mais semelhanças entre si do que diferenças, embora estas logicamente também existam.

Por meio das imagens que nossa equipe e colaboradores clicaram em loco, identificamos elementos, signos e comportamentos que indicam que estamos mais conectados do que imaginamos.

CONEXÕES LATINAS

O modo de habitar nossos lares e bairros, e o que buscamos em nosso entorno, são ótimas representações da conexão entre as cidades latinas do nosso estudo. Argentina, Brasil, Chile e México são países que compartilham histórias de colonização europeia e essa herança pode ser identificada nas fachadas e concepções de prédios históricos e casas antigas espalhados tanto pelos centros quanto pelos bairros ao redor, além de nas ramificações e dinâmicas sociais.

Embora existam semelhanças nas superfícies da arquitetura das quatro metrópoles, a influência espanhola de nossos três hermanos se diferencia da portuguesa que existe no Brasil. Mesmo assim, percebemos que a preservação dessas estruturas se dá em diferentes qualidades. Santiago e Buenos Aires aparentam ser as cidades que

possuem uma estética colonial mais predominante e conservada, por virtude de terem expandido menos ao longo dos tempos e serem menores, em relação a São Paulo e à Cidade do México.

O contraste entre o histórico e o atual pode ser percebido em todas as cidades. De um lado, placas que anunciam a construção de novos empreendimentos imobiliários demarcam a transformação das ruas; do outro, prédios residenciais e comerciais espelhados já existentes compartilham o quarteirão com pequenos mercados, lojinhas, cafeterias e casas com estruturas mais antigas. Esses encontros e desencontros temporais das fachadas mostram como o tecido urbano nos revela que existe uma tensão entre quem fomos, quem somos e em quem estamos nos tornando, a todo momento.

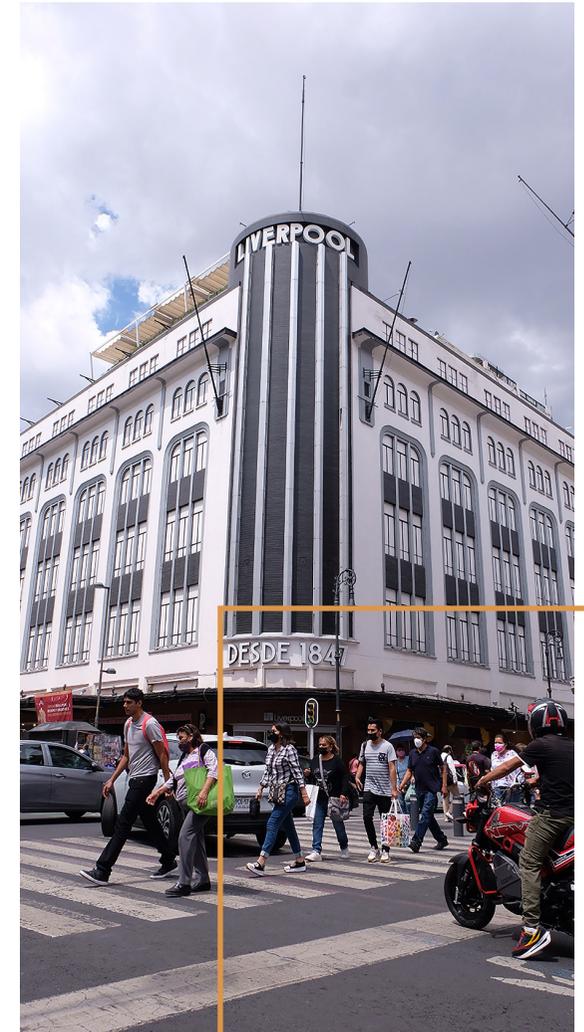


FOTO: PAULINA MALVAEZ, CIDADE DO MÉXICO

As diferenças citadas também ficam evidentes ao observarmos as cidades no nível dos bairros. Nas imagens e nos relatos que coletamos, os centros originários parecem revelar maior energia, transparecendo regiões de muita movimentação, barulho e atividade. Quanto mais se afasta destes centros, os bairros, principalmente de classes médias e altas, podem ser lidos como áreas mais plácidas, controladas, com menor ruído urbano e, muitas vezes, com acesso

mais limitado ao transporte público e à menor diversidade social e comercial.

Percebemos, nesse distanciamento do centro originário, outro tipo de existência; onde fazer morada dentre maior quietude pode despertar a sensação de não estar em uma metrópole.

São refúgios dentro do próprio cenário urbano.

Esses contrastes e a dinâmica urbana também se manifestam na estética mutante impressa nos muros. O

debate em torno das desigualdades e a luta dos movimentos sociais estão estampados nas paredes, empenas e superfícies das cidades. Pichações, grafites e murais denunciam injustiças e evidenciam protestos, a exemplo das questões raciais, de gênero e, também, políticas – como em nossas imagens da cidade de Buenos Aires, que trazem nos muros a memória da ditadura para o presente.

Ao discorrer sobre este tema, o especialista brasileiro em América Latina, Tiaraju Pablo D’Andrea declara que, “principalmente em Santiago do Chile e em Buenos Aires” é comum ver *“variados tipos de expressões visuais de lembranças da ditadura”*. Segundo ele, “tem uma coisa muito do grafite” que vai contra o esquecimento dos males da ditadura. Um ótimo exemplo disso é o grafite-memorial criado em homenagem aos prisioneiros desaparecidos na ditadura, registrado por nós em um muro do bairro de Yungay, em Santiago.



FOTO: MÁRIO ÁLVAREZ, SANTIAGO

ALQUILA



FAST
propiedades

www.fastpropiedades.com.ar

4779-2626

hollywood: El Salvador esq. Humbolt / Soho: Av Córdoba 5054

ALQUILA



FAST
propiedades

www.fastpropiedades.com

4779-2626

Soho: Av. Córdoba 5054

o VENDE

A dense collage of hand-drawn graffiti and stickers. Notable elements include: a large blue and white face with a wide smile; a green and blue robot-like figure; a yellow heart with the word 'mi' written in red; a blue and white face with a red hat; and various other abstract and figurative drawings in multiple colors.

TE RE CABIO

LA PASADORA

PARTE

LA PASADORA

HAY POLVO POR TODOS LOS LADOS

LA PASADORA

APUESTAS DEL ESTADO

APUESTAS DEL ESTADO

APUESTAS DEL ESTADO

APUESTAS DEL ESTADO

PRONTO VAS A PODER

MOVIMIENTO

VENECIA

parublo

TEMER, ALTO BRILLO

SHAOQUANT BO.

JUST TYLE

PINTA QUE RINTE

VIVE LIBRE

HAY

NO COMPRES, ALQUILA

NO COMPRES, ALQUILA



FOTO: SOFIA COSSARI, BUENOS AIRES

MOBILIDADE

Além da “fala dos muros”, outra similaridade cruza as metrópoles: o desafio de transitar por seus espaços. Quanto de liberdade temos, de fato, para nos mover? Maria Elisa Cevasco, especialista brasileira em cultura material, nos lembra que *“cada pessoa dentro do seu carro pensa que está indo aonde quer, só que todos estão submetidos ao grid da cidade”*.

Quem determina nosso caminho não somos nós e sim o grid das ruas e a malha do transporte público.

Mais do que isso, em alguns bairros, a falta de opções de entretenimento, centros educacionais e espaços públicos de qualidade também obriga as pessoas a fazerem percursos dentro da cidade para poderem usufruir dos que existem em outros bairros. Tiaraju Pablo D’Andrea, especialista brasileiro em América Latina, afirma que “a circulação pela cidade tem que ser uma escolha, não uma imposição”.

“Então essa história de a gente pensar para o carro faz uma diferença enorme. Temos que acabar com isso, a cidade tem que ser pensada para as pessoas e o que interessa não é a mobilidade dos veículos né? O que interessa é a mobilidade das pessoas.”

**EDUARDO COSTA, ESPECIALISTA
BRASILEIRO, CIDADES**

Ainda segundo D’Andrea, “tinha que ter teatro público e Centro de Educação Unificado, tinha que ter cinema e tinha que ter Praça espalhada por toda a cidade”, mas não é o que acontece. Por isso, ele completa – dando São Paulo como exemplo – que “moradores de periferia são muito dependentes do que o quadrante Sudoeste oferece” e, por causa dessa falta de estrutura, “têm que ficar se deslocando para lá”.

Para a maioria das pessoas, o transporte público é o responsável por dar acesso à cidade; ou, pelo menos em tese, deveria ser. Segundo Ezequiel Fernandes, especialista argentino em América Latina, “em boa parte das cidades latino-americanas, o transporte público é uma causa relevante de insatisfação, estresse e conflito”. Preço da passagem, limitação de linhas e falta de segurança são fatores que impactam na vida de quem precisa se deslocar. Esse é um fato que afeta todas as classes sociais e quanto menor a qualidade do transporte público, acessível e seguro, mais temos carros nas ruas, mais congestionamentos, mais poluição. Como complementa Eduardo Costa, especialista brasileiros em cidades: “a cidade tem que ser pensada para as pessoas e o que interessa não é a mobilidade dos veículos. O que interessa é a mobilidade das pessoas.”

Movimentar-se de forma segura como pedestres, em lugares cada vez menos pensados para quem caminha, se tornou uma adversida-



FOTO: MÁRIO ÁLVAREZ, SANTIAGO

de. Com o objetivo de superar esse obstáculo, algumas ideias estão sendo estudadas para melhorar a experiência dos espaços públicos. Uma delas é o compartilhamento de avenidas e vias que fecham para carros e são abertas apenas para pedestres, ao menos em dias e horários específicos. É o caso da Avenida Reforma, na Cidade do México, da Avenida Paulista e do Elevado Presidente João Goulart, o Minhocão, em São Paulo. Uma tese que Costa compartilhou, é que “o fluxo de pessoas na rua é inversamente proporcional ao tamanho da frente de loja [...] o fluxo de pedestres depende da frente de loja, do tamanho da frente de lojas e as

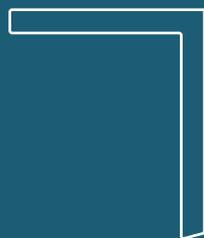
frentes de loja vão tender a ser menores.”

Notamos como as intersecções entre as cidades que elegemos para estudar são numerosas. As similaridades entre as ruas e as intervenções artísticas, a oferta tanto de restaurantes quanto lanches de rua, especialmente em São Paulo e Cidade do México, a falta de cuidado e manutenção de vários trechos, dentre muitos outros elementos que podem passar despercebidos no cotidiano, saltam aos olhos quando adentram o enquadramento e foco das fotografias que clicamos.

Apesar de revelar semelhanças entre Buenos Aires, Cidade do México, São Paulo e Santiago, as imagens capturadas também nos mostram que elas são multifacetadas.

Parece existir várias cidades diferentes dentro de uma só. Cada região é um ecossistema com suas próprias histórias, dinâmicas e contrastes.

Bairros: como nos relacionamos com eles



Maria Elisa Cevasco, especialista brasileira em cultura material, definiu o bairro como “um lugar onde se constroem relações” com as pessoas que ali vivem, e com o próprio território e seus espaços públicos.

Ou seja: os bairros são, por definição, uma comunidade e quanto mais variedade houver nessa comunidade, cultural ou material, mais vibrante ela poderá ser. Em Buenos Aires, Cidade do México, São Paulo e Santiago existem tipologias barriais comuns: centros históricos de onde, com o tempo, foram se formando nos arredores novos bairros de diferentes tipos – comerciais, residenciais e mistos; bairros boêmios com bares, botecos e comércios alternativos e independentes; bairros culturais com opções de museus e centros de lazer; entres muitos outros tipos.

Cada bairro possui estética e

ritmo próprios, mas existem elementos que estão presentes em muitos deles: vemos mesas e cadeiras nas calçadas, igrejas, o encontro de diferentes estéticas entre os prédios e as casas; pequenos comércios de rua ou no térreo de prédios projetados para o uso misto, praças, parques, cafés, mercadinhos, bancas de revista e vendedores ambulantes.

Os contrastes que coexistem – casas versus prédios, igrejas versus bares, lojas versus residências – acabam se tornando uma paisagem comum entre os bairros, como uma colcha que não deixa de ser única por ser costurada com retalhos diferentes. Essa pluralidade de estilos também se reflete nas pessoas que habitam a vizinhança. Escolher um bairro para morar diz muito sobre o momento que estamos em nossa vida e o queremos para ela, do mesmo modo que fala, tam-

bém, sobre nossa condição financeira, nossas necessidades, prioridades, gostos pessoais e até nossos sonhos. É frequente, por exemplo, o desejo de encontrar um espaço tranquilo para viver – se você é uma pessoa que prefere lugares calmos, arborizados e que possui condições de morar em uma região com essas características.

Pedir referências a familiares e amigos ou, até mesmo, usar a memória como um guia para lembrar de experiências positivas anteriores são práticas comuns na escolha de uma região para residir. Assim como a proximidade física com pessoas queridas, como nos contaram moradores que visitamos.

Todos esses fatores decisivos na escolha de onde montar um lar, juntos, criam uma forte sensação de pertencimento, de acolhimento dos seus valores, sua ética e suas preferências estéticas.

“A gente planeja ter filhos, também, então a gente fica vendo o entorno, as escolas...”

MORADORES DE UM APARTAMENTO NO TATUAPÉ
SP, CASAL 34 E 36 ANOS

TRANQUILIDADE E SEGURANÇA NOS BAIRROS

Ambientes tranquilos e tidos como seguros podem apresentar uma classificação interessante de vizinhança: idosos nas ruas, que sinalizam que a região é mais calma. No caso do bairro da Saúde, em São Paulo, um morador jovem associa a presença de pessoas mais velhas na região à existência de lojas e espaços voltados aos jogos de tabuleiro, que ele também adora. Em compensação, ao visitar bairros centrais e conversar com pessoas que os habitam, percebemos que viver em meio ao alto fluxo de gente, carro, ônibus, moto e centros comerciais e polos gastronômicos pode ser estimulante, mas também pode gerar angústia. Mas, isso não significa que seja impossível achar tranquilidade nesses lugares: uma moradora do icônico prédio Copan, localizado no Centro de São Paulo, diz ter escolhido um apartamento de fundos, pois buscava a sensação de morar “numa casinha” e que, de sua janela, observa até gaviões.

A preocupação com a segurança, segundo as pessoas entrevistadas, também se destaca nas cidades latinas. Na Cidade do México, por exemplo, Santa Maria la Ribeira, um bairro antigo e ainda com pouca exploração imobiliária, é charmoso e atrai pelas edificações antigas e preços

“Gosto de viver na cidade, apesar do ruído. Os benefícios, a comodidade de poder ir ao cinema, ao teatro, andar de bicicleta; há espaços para fazer outras coisas. Eu gosto da diversidade, apesar do ruído.”

MORADORA DE UM APARTAMENTO NO CENTRO

SANTIAGO, 35 ANOS

ainda mais baixos que em outras regiões charmosas, mas a sensação de pouco cuidado, como a presença de carros e objetos abandonados na rua, e sua localização próxima de regiões identificadas como perigosas, coexiste com uma sensação, para alguns, de insegurança à noite. Mas, essa sensação também pode ser diferente para cada um, como nos contou Stu Etnicknap, nosso parceiro da 8th Day, em Londres: *“Os códigos e signos daquilo que faz uma pessoa se sentir segura em um ambiente podem passar batido para outra, porque isso pode ser muito sensorial, pode ter a ver com referências olfativas ou sons que dão uma sensação de reconhecimento, segurança e pertencimento.”*

SOBRE CAMINHAR NOS BAIRROS

Muitas pessoas, independente de cidade, possuem a vontade de caminhar tranquilamente, sem se sentirem acuadas, com a possibilidade de resolver os afazeres a pé e à curta distância. Ir ao mercado, passear com o cachorro ou à deriva e trabalhar próximo de onde se mora remete ao conceito de cidades de 15 minutos, que concentram a tríade moradia-trabalho-lazer numa mesma região. Uma série de “cidades de 15 minutos” reunidas leva às cidades policêntricas, onde, em tese, há uma série de bairros que acolhem a tríade das necessidades e vontades cotidianas e básicas. Nesse cenário, ir para outras partes das cidades é uma escolha, não uma necessidade imposta pela cidade.



FOTO: SABRINA GUIMARÃES, SÃO PAULO

Algo marcante em Buenos Aires, de acordo com Ezequiel Fernandes, especialista argentino em América Latina, é o fato de que “caminhar pela cidade é uma característica que gera muita felicidade”. Sentimento que pode ser ampliado com as experiências locais. A diversidade de atividades, a vida cultural dos bairros - envolvendo música, parques, atividades físicas e até o ato de sair para comer - além da oferta de serviços locais oferecem maneiras de vivenciar os arredores, da melhor forma possível. Existe, inclusive, hábitos rotineiros sendo fortalecidos diariamente dentro dessa relação - como frequentar cafeterias, restaurantes, mercados e comércios locais.

“Os espaços públicos e abertos são muito importantes. Sempre fui de caminhar pelo bairro onde vivo, gosto muito, para me distrair e também para, digamos, me apropriar do bairro.”

MORADORES DE UM APARTAMENTO NO TATUAPÉ

SP, CASAL 34 E 36 ANOS

A COEXISTÊNCIA CULTURAL BARRIAL

Quando falamos da relação entre pessoas e bairros, não podemos esquecer da vivência da imigração. Criamos laços com pessoas que compartilham conosco a existência latino-americana ou demais regiões. É nessa conexão que, muitas vezes, agregamos e transformamos a nossa cultura. Uma das maiores expressões dessa influência é a comida, pois a relação entre a gastronomia dos bairros com os imigrantes é forte. Como podemos reparar em Buenos Aires, na relação com imigrantes paraguaios: de acordo com Ezequiel Fernandes, especialista argentino em América Latina, a imigração paraguaia modificou um importante hábito gastronômico da cidade, já que “em cinco anos, de repente, começamos a comer arepas”.



FOTO: SABRINA GUIMARÃES, SÃO PAULO

GENTRIFICAÇÃO

Por último, mas não menos relevante, está a gentrificação dos bairros. Para além dos transtornos causados por obras, a mudança de tipologia das construções, o impacto de novos moradores e suas predileções materiais e estéticas, as modificações geram impactos que transformam as regiões a ponto de prejudicar algumas pessoas que passam a ser contrárias às mudanças e muitas acabam tendo que se mudar dali. Um caso emblemático, relatado nas entrevistas que conduzimos, aconteceu no bairro mexicano La Condensa, onde, por conta dos turistas, os estabelecimentos comerciais começaram a cobrar em dólar. Outros bairros da cidade também vêm sofrendo com o impacto da locação via AirBnB e equivalentes, que trazem moradores temporários. Estes, por natureza, não se envolvem de forma perene com o bairro, mas estimulam o aumento dos aluguéis nas regiões.

E na atual situação de crise e recessão econômica – ocasionada e acelerada pelo impacto global da pandemia – especialmente em São Paulo, Cidade do México e Buenos Aires, o preço tem sido uma questão ainda mais relevante do que já era no passado. O valor dos aluguéis e do metro quadrado, as relações conflituosas com as imobiliárias tradicionais e o alto custo

de vida nas cidades, que limitam a opção de viver em áreas mais centrais ou ambientes espaçosos, é algo que perpassa quase todas as cidades que estudamos. Mercedes di Virgílio, especialista argentina em lares, reforça que, nas cidades latino-americanas, o problema da habitação é tanto característico como estrutural. Essa questão marca a agenda dessas cidades.



FOTO: DIANA BUENO BIELETTTO, CIDADE DO MÉXICO



FOTO: ANTONELLA ROBILOTA, BUENOS AIRES



A relação latina com os espaços públicos se dá de diferentes formas nas quatro cidades que elegemos; fato que é reforçado pelo Tiaraju Pablo D'Andrea, especialista brasileiro em América Latina. Segundo ele, Buenos Aires, Cidade do México e Santiago são cidades que “têm muito mais praças” e que “todo final de semana tem alguma atividade cultural nessas praças”, coisa que São Paulo não tem, “a não ser se você mora perto do Parque do Ibirapuera, que é também para uma classe social específica”.

Nesse aspecto, os parques e praças são oásis verdes que estimulam uma cidade mais saudável, não somente na melhoria da qualidade do ar, mas também por proporcionar espaços de lazer e encontros. Ainda de acordo com D'Andrea, Buenos Aires e Cidade do México são as cidades que têm a “melhor ocupação do espaço público com parques e praças” - e, São Paulo, a pior. Em Buenos Aires e Santiago vemos o cuidado refletido nas práticas de



FOTO: MÁRIO ÁLVAREZ, SANTIAGO

plantio e reciclagem, com composteiras e hortas comunitárias, parques bem cuidados para oferecer entretenimento e áreas públicas que estimulam a permanência. Também é interessante perceber como os cachorros fazem papel de conectores. A ligação com vizinhos e outras pessoas, muitas vezes, é feita a partir do passeio com os pets. Para nosso parceiro em Londres, da 8th Day, Stu Etnicknap “para construir uma comunidade genuína, é necessário algum grau de compromisso compartilhado.”

Percebemos, por meio do relato do especialista, que os espaços públicos podem e devem ser ambientes de sociabilidade, não apenas de passagem.

Lugares que acolhem as pessoas e estimulam envolvimento e familiaridade com os arredores públicos, trazem uma sensação de pertencimento e, conseqüentemente, de responsabilidade pelo espaço.

Por um lado, prevalece a narrativa de que não enxergamos o espaço público como nosso e isso impacta no cuidado que direcionamos a ele. Conforme a especialista brasileira em lares, Milene Correa Soares, muitas vezes, o espaço público “tem uma relação de abandono”, sendo “um espaço que ninguém cuida”.

Por outro lado, existe uma pergunta que não se cala: quais histórias os espaços coletivos nos contam? Sendo um território de grande disputa, principalmente ao falar dessas cidades que valorizam a arquitetura do privado, uma dicotomia “público = desprotegido” e “privado = protegido” ganha força. Marcelo Tramontano, outro especialista brasileiro em lares, completa: “a gente tá acostumado a

achar que o espaço público é ‘deficiente’ e ‘um problema’, condenando tudo que não está protegido pelo privado a ser um lugar do perigo”, um “lugar a ser evitado” e “isso causa um grande vazio nesses lugares”.

Para Ethnicknap, esses espaços “esquecidos” podem vir a se tornar espaços culturalmente vibrantes e autênticos ao longo dos anos de forma espontânea, se atendida a necessidade de segurança e apropriados por pessoas. Mas outra possibilidade é a apropriação privatizada, o que para Ethnicknap, normalmente se dá com alguma intenção funcional clara (ex: parque para cachorros ou playground) ou designada a um grupo social específico (ex: pessoas que praticam Tai Chi Chuan ou skatistas). Contudo, para ele, os impactos na cidade são diferentes: “Eu me pergunto se muito daquela pulsação genuína não está sendo perdida com essa camada corporativa, com a padronização de cidades. [...] Eu acho que provavelmente existe menos diferença entre Londres e São Paulo hoje do que havia há 30 anos.” Nossa parceira da Humankind, Alex Bennett-Clemow, enxerga a diferença entre essas condições de espaços públicos de forma parecida: *“(Nos espaços públicos privatizados), não há lixo e estão perfeitamente aparados, nada está quebrado, o design de lugares para sentar e de sombra*



FOTO: DIANA BUENO BIELETTO, CIDADE DO MÉXICO

foram pensados, há muito mais dedicação em pensar o espaço. Como cidadãos, temos o direito de espaços públicos (não privatizados) que foram bem pensados.”

São muitas as iniciativas para pensar a reparação e a apropriação desses espaços, para serem moradia ou lazer. Retrofits que adequam prédios antigos a necessidades atuais, ou projetos de inserção de vegetação na urbe, com a óbvia revitalização e construção de parques e a cada vez mais prolífica construção de jardins verticais. De acordo com Laura Lagos, especialista mexicana em cidades, “as áreas verdes são essenciais”. E essa é mais uma tensão nas cidades grandes: qual o espaço da natureza?

Elemento paisagístico herdado da Europa, muitas ruas nessas quatro cidades têm árvores plantadas às suas margens, mas é quase um padrão que quanto mais rico o bairro, mais plantas e áreas verdes ele possui.

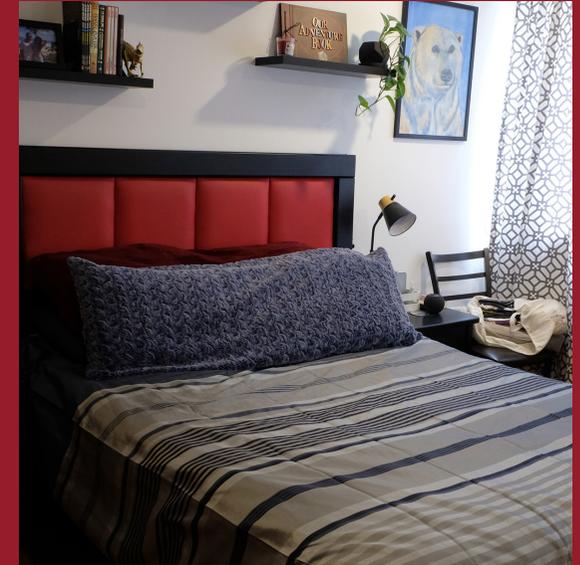
Retomando as palavras de Raquel Rolnik, *“cidade não é apenas sobre moradia, mas sobre todo um ecossistema”*. Assim como o equilíbrio dos ecossistemas naturais do meio ambiente vegetal é necessário para o seu bom desenvolvimento, o meio ambiente urbano também requer harmonia para que as pessoas se relacionem de forma saudável, segura e fluida em espaços barriais.

Lares: como moramos?

Do ponto de vista do modelo burguês de morar, o especialista brasileiro em lares Marcelo Tramontano conta que “casa” e “rua” são dois termos em oposição. Enquanto as ruas são espaços coletivos e múltiplos, os lares são espaços exclusivos e íntimos, compartilhados apenas com quem confiamos.

SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS

Assim como nas cidades, as residências também possuem um grid, nesse caso a planta arquitetônica, que orienta como esse espaço é dividido. Ainda segundo Tramontano, as semelhanças entre as moradias das quatro metrópoles deste estudo vêm muito *“do ponto de vista histórico, porque a América Latina recebeu modelos de habitação de outros lugares, especialmente da Europa”*. Sendo assim, as quatro cidades “receberam exatamente o mesmo modelo europeu”. Um modelo tripartido.



Embora com múltiplas influências e configurações, a divisão do modelo tripartido passa, quase sempre, pelas três características principais que Tramontano chama de “instância de recepção”, onde a sala é “um cômodo que comanda os demais”; “instância de rejeição”, os espaços reservados a empregados, como as cozinhas; e os quartos como “espaços de intimidade”. Um modelo “difundido durante a Belle époque parisiense” para abrigar a burguesia.

Quando olhamos para os lares de São Paulo, Cidade do México, Santiago e Buenos Aires, percebemos que, apesar de termos diferenças arquitetônicas particulares nas áreas externas, o interior é semelhante. Dentro dos lares, encontramos uma tendência comportamental que gira em torno de três arquétipos:

***A casa expressiva*, uma maneira afetiva e emocional de morar;**

***A casa sociável*, sempre aberta para amigos e**

***A casa funcional*, onde a praticidade é realçada.**

Cada uma reflete a identidade de quem ali vive; um território particular para exercer vontades e desejos. Cada uma reflete a identidade de quem ali vive; um território particular para exercer vontades e desejos. Parafraseando o nosso parceiro em Londres, Stu Etnicknap, da 8th Day: nossos lares refletem não quem somos, mas quem queremos ser.

FOTO: MÁRIO ÁLVAREZ, SANTIAGO

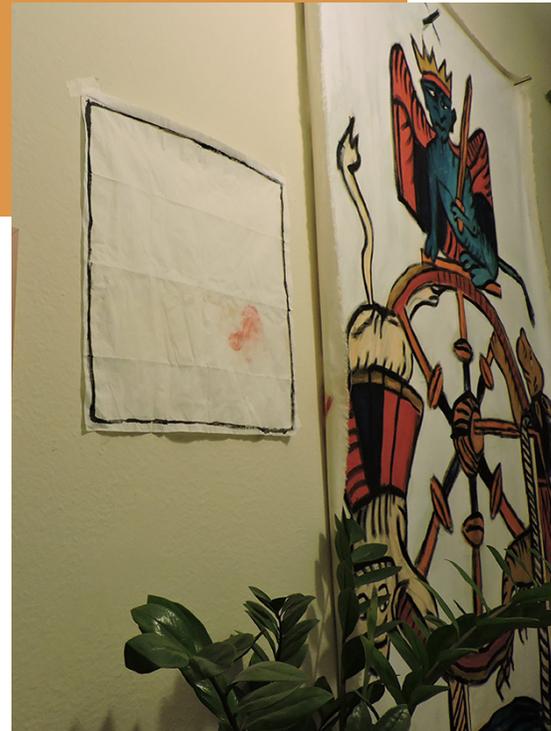


FOTO: SABRINA GUIMARÃES, SÃO PAULO

SOBRE TIPOLOGIAS DE LAR

Em meio a esses tipos de lares e manifestação de personalidades, a dualidade entre casa e apartamento se faz presente. Morar em casa desperta a sensação nas pessoas de poder desfrutar dos ambientes internos e externos e do aconchego do próprio lar. Já o apartamento traz consigo a questão mais forte de espaço: muitos são diminutos e a falta de amplitude incomoda (muito mais percebida com as restrições pandêmicas). Essa condição influencia a busca, por alguns, por apartamentos que de alguma maneira passem o sentimento de morar em uma casa. E, mesmo quando a residência é alugada, existe um esforço na decoração para fazê-la ter a cara dos moradores, e afastar a impressão de que a ocupação desse espaço é temporária.

Uma questão importante de salientar é que a oferta influencia diretamente como vivemos. Ainda para Tramontano, “com certeza os portenhos e o santiaguinos vivem muito melhor do que os paulistanos e o

peçoal da Cidade do México, porque tem uma arquitetura que é estudada para eles. Que é pensada e que escuta essas pessoas.” Em contrapartida, no Brasil, de acordo com o especialista, o arranjo físico “embasa um financiamento”, e muitos--como um casal que entrevistamos que vive no Tatuapé-- precisam contratar um arquiteto para adequar os interiores. “Ele é um arranjo físico que possibilita o melhor custo-benefício. Outra questão é o que eles precisam. O que é necessário, porque ninguém pode viver num apartamento de 10 metros quadrados. Isso é um absurdo.”, completa Tramountano.



A DECORAÇÃO COMO EXPRESSÃO IDENTITÁRIA

Milene Correa Soares, especialista brasileira em lares, diz que “no mundo de interiores toda escolha é reflexo de um reconhecimento da própria identidade”. Independente do formato, todos os lares acumulam histórias e o design dos interiores tem um papel significativo nesse processo.

Nas imagens que clicamos de lares em São Paulo, Buenos Aires, Cidade do México, São Paulo e Santiago, conseguimos identificar preferências tanto na decoração quanto na

FOTOS: MÁRIO ÁLVAREZ, SANTIAGO



distribuição dos espaços internos. Ambientes que aproveitam da melhor forma a incidência de luz, a metragem e a qualidade do silêncio são importantes. Desde a pandemia, a relação com os espaços se intensificou e para nosso parceiro Stu Etnicknap, da 8th Day, “as pessoas estão mais sensíveis aos impactos dos ambientes em si”.

Existem também simbologias comuns nos lares que visitamos e que dizem muito sobre os moradores. Não é difícil enxergar componentes



que conectam os lares nas quatro cidades. Elementos de decoração que expressam o envolvimento com futebol, religião, política e com a regionalidade são corriqueiros. Imagens de entidades de diversas religiões – como as de matrizes africanas no caso de São Paulo, Brasil, Católicos na Cidade do México; símbolos e bandeiras que representam o apoio a certas lutas sociais e até mesmo a candidatos políticos, e objetos de times de futebol, se misturam a ícones regionais – como as caveiras mexicanas.

Também podemos encontrar muito sobre cultura pop e viagens. Quadros, imãs de geladeira e pequenas esculturas são usados tanto para lembrar dos bons momentos em viagens passadas, quanto para expor interesses culturais por filmes, séries, jogos, músicas, fotografia e todo tipo de arte. Até um certo orgulho nacional é percebido em bandeiras de países e culturas identitárias fixadas em paredes, janelas e varandas, esses últimos,

espaços limítrofes entre público e privado.

Ao conversarmos com pessoas que terceirizaram o design interior de seus lares, identificamos a tendência de achar que esses espaços não refletem tanto as individualidades e histórias particulares.

A afinidade entre lar e morador se dilui em decorações delegadas; preencher o ambiente se torna algo mais pragmático quando sem a mão do morador.

Ainda em conversa com nosso parceiro Etnicknap, ele explica que delegar a decoração é pedir ajuda com a elaboração de quem queremos ser, no futuro, mas não necessariamente o somos, hoje: “‘Você pode me mostrar quem eu deveria ser no futuro?’ ‘Como eu deveria viver?’, ‘Qual a cara de uma vida melhor?’ Todos sabemos que precisamos e queremos viver uma vida melhor, mas nem sempre sabemos com o que isso se parece. Às vezes, as pessoas precisam delegar isso para profissionais.”

SOBRE O USO DOS ESPAÇOS

Notamos alguns atributos que também são valorizados pelas pessoas. A cozinha é um ambiente importante e de constante circulação, seja para preparar e consumir as comidas diárias ou para receber amigos. A varanda revela um espaço de lazer, um cantinho de descompressão – algumas dessas varandas possuem espaço suficiente para meditar, fugir da rotina ou trazer um pouco de natureza para dentro do lar. Nos quartos e salas há um cuidado maior com o conforto e a possível recepção de visitas: poltronas, sofás, almofadas, camas e travesseiros, luzes agradáveis. “No meu dia a dia, eu me relaciono mais com o dormitório, evidentemente com o banheiro, com o escritório e a cozinha. Este grande espaço de estar, reservamos para visitas ou encontro com amigos.”, nos contou um morador do bairro de Nunõa, em Santiago.

Outra coisa notada é como a pandemia transformou a dinâmica interna com estruturas pensadas para o trabalho ou adaptadas para esse fim. Mesas e cadeiras de escritório e espaços dedicados ao home office aparecem, evidenciando como o contexto histórico e a contemporaneidade impactam diretamente nos lares. Para Eduardo Costa, especialista brasileiro em cidades, “a moradia, lazer e trabalho, que é a tendência

nos bairros policêntricos, ela vai acontecer dentro de casa também.” Os lares não são lugares estáticos. A decoração e a casa vivem em constante transformação, pautadas pelo ritmo de vida dos habitantes, suas plantas e pets.

A pia cheia de louças lavadas, os potinhos com temperos prontos para serem usados, as fotos e recordações que nunca param de surgir; os espaços ocupados por animais de estimação, os desenhos e brinquedos que marcam a presença de crianças; móveis usados, herdados ou adaptados; plantas cultivadas com carinho, muitas vezes, presentes de amigos e lembranças de momentos especiais – livros, itens de família, objetos afetivos e com vínculo emocional. Tudo isso alimenta a energia vital dos lares, dá cadência aos espaços e imprime a identidade dos moradores nos espaços. Ainda mais quando as escolhas são feitas por eles mesmos.



PARADOXOS DO LAR

O lar é um espaço íntimo e de compartilhamento, mas para além disso, ele também é um lugar de paradoxos.

Maria Elisa Cevasco, especialista brasileira em cultura material, nos lembra que *“a gente não precisa idealizar o lar”*. Para além das estruturas físicas, uma casa é feita da subjetividade, complexidade e diversidade daqueles que a habitam. Marcelo Tramontano, especialista brasileiro em lares, diz que *“o espaço de habitação é esse cruzamento de vidas individuais e é onde todas as tensões da sociedade se refletem e se constroem”*.

Apesar dos lares serem definidos como lugares privados e exclusivos, as dinâmicas sociais que se encontram da porta para fora também estão ali dentro. Invariavelmente, bairros e lares se retroalimentam.

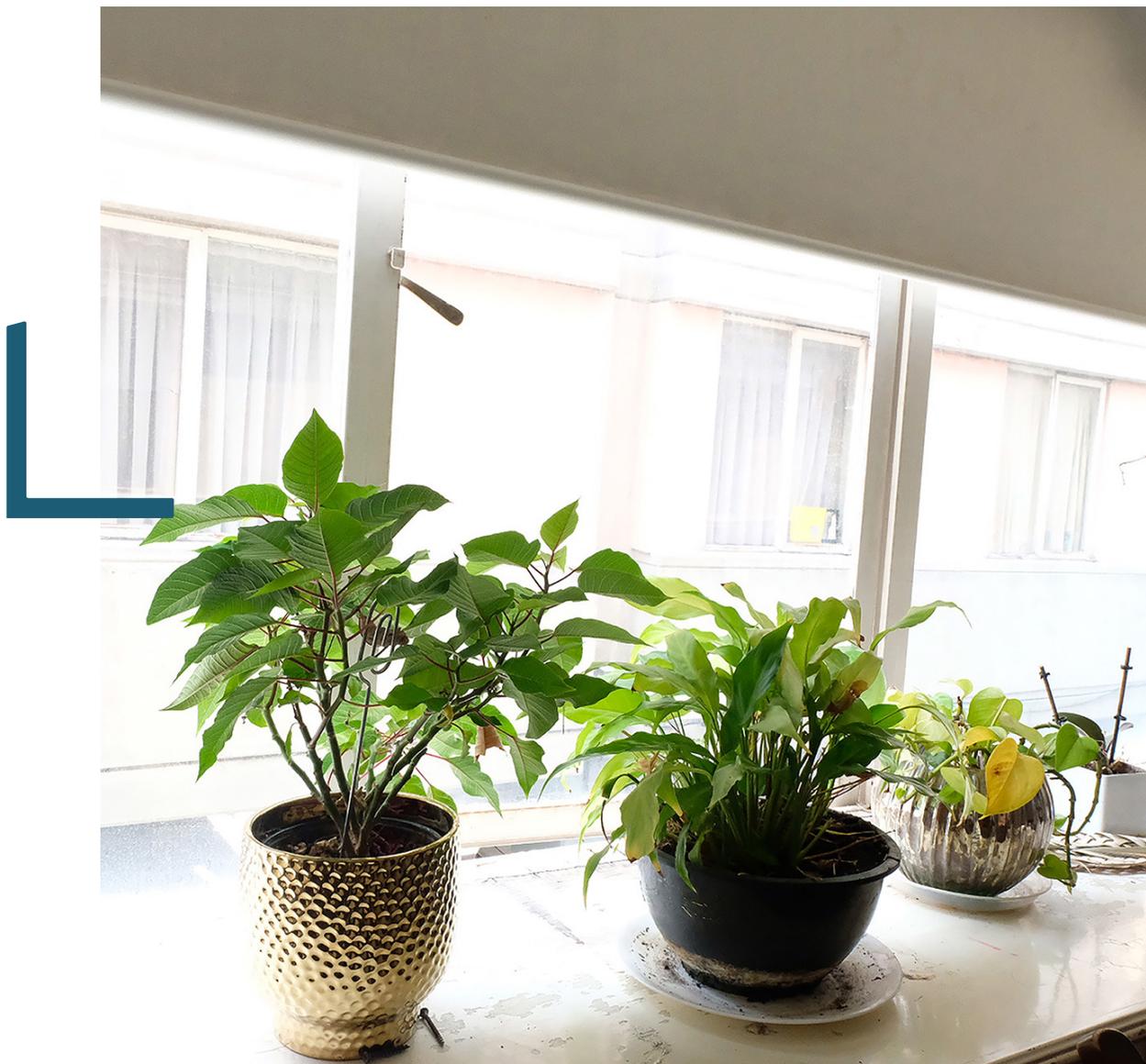


FOTO: PAULINA MALVAEZ, CIDADE DO MÉXICO

A cidade cuidadora

Ao olharmos para a relação das pessoas com um punhado de cidades e lares latinos, encontramos uma trajetória complexa, construída com base em divisões sociais e espaciais herdadas.

A palavra metrópole remete a conflitos sociais, mas é possível pensar a partir da experiência das cidades em como estimular a amenizá-las.

EQUANIMIDADE NAS DECISÕES

Se quisermos cidades mais equânimes, precisamos deixar de tomar tantas decisões individualistas, segregatórias e utilitaristas e partir para outras perspectivas. Para que a sensação de conviver seja maior do que a de sobreviver na cidade, é vital considerarmos duas palavras: cuidado e coletivo.

Pensar uma cidade cuidadora, que se desenvolve a partir das necessidades das pessoas, é algo que já vem sendo discutido. A cidade cuidadora se preocupa tanto com as pessoas quanto com os carros, tanto com os espaços públicos quanto com empreendimentos privados. Essa cidade mais igualitária estimula uma população mais interessada em vivenciar e aportar nela

BEM VIVER

do que apenas extrair o que necessita dela. É um lugar que nutre a diversidade, dos seus habitantes, dos negócios, dos empregos, do lazer e que motiva a dissolução de fronteiras sociais e materiais a fim de permitir que seus habitantes, cada qual a sua maneira, se sintam acolhidos e parte integral dela. Para Cleo Henry, nossa parceira da Humankind, “a inclusão é sempre iterativa, então flexibilidade pode ser uma forma de cuidado.”

Desse modo, pensar em espaços que acomodam a pluralidade de todos os tipos de pessoas que vivem a metrópole, em diferentes bairros e de variadas realidades econômicas e sociais, é condição essencial de cidades cuidadoras – até se pensarmos em cidades inteligentes, que devem ir muito além de serem apenas conectadas tecnologicamente, elas devem ser cidades humanamente inteligentes.

Ao pensarmos em cidades cuidadoras, podemos nos valer de filosofias como a do Bem Viver (conforme cunhada por Alberto Acosta no livro “O Bem viver – uma oportunidade de imaginar novos mundos”), que busca, nas relações comunitárias e solidárias, nos espaços comuns de socialização, na produção e consumo conscientes, no trabalho colaborativo e na diversidade e respeito ao próximo e à natureza, como forma de manter a harmonia entre os meios ambientes vegetal e urbano, e as pessoas.

Paola Martinez, especialista chilena em cidades, defende que cada metrópole possui conhecimentos e especificidades únicas, mas que todas têm um horizonte em comum: a necessidade de “mais do que remendar estradas ou remendar ruas, remendar a vida”.

FOTO: DIANA BUENO BIELETTO, CIDADE DO MÉXICO



FOTO: SOFIA COSSARI, BUENOS AIRES

NARRATIVAS URBANAS

Se nossos espaços “contam histórias”, como acredita Julián Woodside, especialista mexicano em cultura material, ouvimos as histórias que estão sendo contadas hoje, mas quais são as queremos que a nossa cidade conte daqui para frente? Como intervir nas estruturas urbanas para que isso aconteça? Para Eduardo Costa, especialista brasileiro em cidades, que acredita no fortalecimento da apropriação do espaço público, “a transformação da cidade vai acontecer a partir das praças.” Viver numa cidade não é apenas usufruir do que ela tem a oferecer, é também vivê-la de forma consciente, colaborativa e contribuir de forma ativa para a narrativa das histórias que ela conta. Ainda de acordo com Costa, “a gente precisa participar mais, isso é uma coisa individual, nós temos que mudar, isso é o mundo novo.”

Com todas essas questões, é possível compreender que cidade não é apenas sobre oferta de moradia, trabalho, serviços, mercadorias e entretenimento, mas sobre a elaboração constante de um ecossistema vivo que, para ser saudável, precisa estar em equilíbrio e atender às necessidades materiais e emocionais que são interligadas, satisfazer e estimular desejos e sonhos. E para isso, como Costa explicita: “a melhor cidade que existe, é a cidade que já existe”, cabe lapidar o que ela já nos oferece para que assim ela nos ajude a contar as histórias que queremos viver.

Para nós, com este estudo, compreendemos que cidade, bairro e lar devem ser sinônimos de bem viver, diversidade e vitalidade.

“Moro aqui porque a área é muito bem conectada, tem vários lugares para comprar comida, é barato, relativamente barato, e gosto de já conhecer a região porque moro aqui há muitos anos da minha vida, desde criança, então, sinto um certo conforto e uma certa segurança neste bairro.”

**MORADOR DE APARTAMENTO
EM PORTALES**
CIDADE DO MÉXICO, 37 ANOS

Alguns livros e ensaios que nos acompanharam neste estudo

A nova América Latina; Fernando Calderón, Manuel Castells, editora Zahar (2021)

A questão urbana; Manuel Castells, editora Paz e Terra (2020)

Cidade de Muros – Crime, segregação e cidadania em São Paulo; Teresa Pires do Rio Caldeira, Editora 34 Ltda, Edusp (2000)

Ciudades vibrantes: Sonido y experiencia aural urbana en América Latina; Natalia Bueno Bieletto (editora), Ediciones UM (2021)

Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización; Néstor García Canclini, editora Grijalbo (1995)

Junkspace; Rem Koolhaas, editora Quodibet (2006)

La era de la información. Economía, sociedad y cultura. Vol.2: El poder de la identidad; Manuel Castells, editora Alianza (2000)

Long Revolution; Raymond Williams; editora Parthian (2012)

Não lugares, Introdução a uma antropologia da supermodernidade; Marc Augé, editora Papirus (1992)

Networks of outrage and hope; Social Movements in the Internet Age; Manuel Castells (2012)

O Bem Viver uma oportunidade de imaginar novos mundos; Alberto Acosta, editora Autonomia Literária (2016)

O que é Cidade? Raquel Rolnik, Editora Brasiliense, Série Primeiros Passos (1988)

METODOLOGIA

Para a elaboração deste estudo desenvolvemos um processo com algumas etapas:

1. Desk Research

Análise de materiais secundários disponíveis em formato de texto, vídeo e imagens.

2. Entrevista com Especialistas

Conversas com 10 entendedores sobre os quatro pilares em que estruturamos nossos pensamentos preliminares: Cultura Material, América Latina, Cidades e Lares.

3. Etno-fotografias

Imersões fotográficas em bairros e lares de:

Buenos Aires (Argentina)

Cidade do México (México)

São Paulo (Brasil)

Santiago (Chile)

4. Depoimentos locais

Relatos sobre 35 lares e vidas de bairro em 4 cidades da América Latina: Buenos Aires (Argentina), Cidade do México (México), São Paulo (Brasil) e Santiago (Chile)

AGRADECIMENTOS

Este projeto foi possível graças às conversas com especialistas e moradores locais; as fotografias colhidas pelo nosso time de parceiros locais e pelas fotografias da Beco Visceral, Francisca Rodrigues e Marcela Novaes, assim como os esforços de Milly e Mauro Kawasaki do Studio Shoyu, responsáveis pela identidade visual e layouts gráficos e digitais, Priscila Muniz, redatora e Catarina Pierangeli, revisora e consultora de comunicação.

--

ESPECIALISTAS

Cultura Material

Julián Woodside
Maria Elisa Cevalco
Paola Jiron Martinez

América Latina

Ezequiel Fernández Bravo
Tiaraju Pablo

Cidades

Eduardo Costa
Laura Lagos

Lares

Marcelo Tramontano
Mercedes di Virgilio
Milene Correa Soares

Agradecemos também aos nossos parceiros da 8th Day e Humankind (Londres) pelas contribuições valiosas e aos arquitetos da Negrus Arquitetura Popular pelas conversas.

TEMPO 2